

“COM A MALA NA MÃO CONTRA A DISCRIMINAÇÃO” A PROFESSORA ARIANA FURTADO PROMOVE UMA VIAGEM PELO APRENDIZADO DA HISTÓRIA E DEFESA DOS DIREITOS HUMANOS EM PORTUGAL

Simone Lima Azevedo¹

RESUMO: Esta entrevista foi realizada em fevereiro de 2024, em Lisboa, Portugal, com a professora Ariana Furtado, coautora dos projetos premiados “*Com a mala na mão contra a discriminação: uma viagem pela história dos nossos direitos*” e “*Ge(ne)rando polémica... ou antes pelo contrário*”. Tem como objetivo (re)contar a história de pessoas negras que vivem em Portugal, registrando narrativas de mulheres negras sobre suas atividades de ativismo, vida pessoal e atuação profissional, a partir dessa corporalidade racializada.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Antirracismo. Transformação.

“WITH SUITCASE IN HAND AGAINST DISCRIMINATION” PROFESSOR ARIANA FURTADO PROMOTES A TRIP TO LEARN HISTORY AND DEFENSE HUMAN RIGHTS IN PORTUGAL

¹ Doutoranda em Mudança Social e Participação Política na Universidade de São Paulo. Pesquisa financiada pela Agência USP de Cooperação Acadêmica Nacional e Internacional; Pró-reitora de Inclusão e Pertencimento da Universidade de São Paulo; Programa de Mobilidade Internacional Santander (auxílio à internacionalização). E-mail: simone.azevedo@usp.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9998-1827>.

ABSTRACT: This interview was conducted in February 2024, in Lisbon, Portugal, with Professor Ariana Furtado, co-author of the award-winning projects “With the suitcase in hand against discrimination: a journey through the history of our rights” and “Generating controversy... or rather the opposite”. This interview aims to (re)tell the story of black people living in Portugal, recording narratives of black women about their activism activities, personal lives and professional performance, based on this racialized corporality.

KEYWORDS: Education. Antiracism. Transformation.

“CON LA MALETA EN MANO CONTRA LA DISCRIMINACIÓN” PROFESORA ARIANA FURTADO PROMUEVE VIAJE PARA APRENDER HISTORIA Y DEFENSA DE LOS DERECHOS HUMANOS EN PORTUGAL

RESUMEN: Esta entrevista fue realizada en febrero de 2024, en Lisboa, Portugal, con la profesora Ariana Furtado, coautora de los proyectos premiados “Con la maleta en la mano contra la discriminación: un viaje por la historia de nuestros derechos” y “Generando polémica... o más bien lo contrario”. Esta entrevista pretende (re)contar la historia de las personas negras que viven en Portugal, registrando narrativas de mujeres negras sobre sus actividades de activismo, vidas personales y desempeño profesional, basadas en esta corporalidad racializada.

PALABRAS CLAVE: Educación. Antirracismo. Transformación.

INTRODUÇÃO

A realização desta entrevista ocorreu no contexto da minha pesquisa de internacionalização do doutorado, realizada entre janeiro e abril de 2024, no Instituto de Comunicação da Universidade Nova de Lisboa (ICNOVA), e que teve como tema vivências de mulheres negras em Portugal: ativismo e antirracismo. O objetivo era conhecer e (re)contar as trajetórias de mulheres negras que vivem em Portugal, registrando narrativas sobre suas atividades de ativismo, vida pessoal e atuação

profissional em diferentes frentes de atuação: a política, a educação básica, a mídia, o ativismo, a imigração e a pós-graduação.

Neste período, entrevistei seis mulheres, sendo três portuguesas e três brasileiras. Entre as entrevistadas está a professora Ariana Furtado, a quem conheci por meio dos contatos que fiz com associações antirracistas que atuam em Portugal.

Ariana é professora do primeiro ciclo e coordenadora da Escola Básica do Castelo, em Lisboa, onde estudam crianças de mais de 17 ascendências ou nacionalidades. Nascida na ilha de Santiago, em Cabo Verde, em 1976, Ariana vive em Portugal desde os seus primeiros dias de vida. Licenciada pela Escola Superior de Educação de Setúbal e pela Universidade Rennes II, na França, Ariana é tradutora de vários livros para a infância, entre eles o *Senhor da Dança* e o *Grão de Milho Mágico*, editados pela Falas Afrikanas. Também é membro da DJASS – Associação de Afrodescendentes, organização sem fins lucrativos que tem como missão defender e promover os direitos das pessoas negras e afrodescendentes em Portugal, além de combater o racismo em todas as suas formas e dimensões.

Neste período em que vivi em Lisboa, observei que não há presença negra na universidade onde desenvolvi a minha pesquisa ou nas universidades que visitei e tampouco há um debate institucional sobre políticas inclusivas para o ensino superior dentro do espaço acadêmico. As discussões sobre raça e racismo na Universidade Nova de Lisboa estão concentradas no âmbito do Observatório do Racismo e da Xenofobia, na Faculdade de Direito.

O Observatório é coordenado por professores brancos e mantém ativistas, intelectuais e educadores negros que produzem presença e conhecimento afroperspectivado em Portugal à margem do debate. Esse racismo institucional, todavia, não os impede de formar importantes redes e estratégias coletivas para ocupar o espaço público negado e articular suas vozes contra o silenciamento instituído pelo passado colonial que se reitera no presente.

O relatório *Experiências de Discriminação na Imigração em Portugal*², lançado em dezembro de 2020 pela Casa do Brasil de Lisboa³, mostrou que 86% dos imigrantes em Portugal já sofreram discriminação por conta de sua nacionalidade e os estereótipos racistas ligados a ela. Entre 2017 e 2021, as denúncias de xenofobia no país cresceram 505%, segundo balanço da Comissão para a Igualdade e contra a Discriminação Racial.

Diante deste cenário, Portugal aprovou em 2021 o primeiro *Plano Nacional de Ação contra o Racismo e a Discriminação (2021-2025)*⁴, visando principalmente as comunidades africanas, afrodescendentes e ciganas, que enfrentam diversas barreiras na luta que travam por uma integração plena na sociedade portuguesa. O Plano se alicerça em quatro princípios transversais: desconstrução de estereótipos; coordenação, governança integrada e territorialização; intervenção integrada no combate às desigualdades; e interseccionalidade. E prevê atuação em 10 áreas de intervenção, desde a segurança pública, passando pela justiça, saúde, habitação, emprego, recolha de dados e educação.

Uma das medidas previstas no plano trata-se da alteração dos manuais escolares que glorificam um passado colonial de violência e saque e que pouco ou nada problematizam o neocolonialismo. Além disso, raramente se referem a Portugal como o principal traficante de negros escravizados no Atlântico, bem como ignoram a resistência negra à escravatura e o vasto contributo social, cultural e econômico que africanos e afrodescendentes trouxeram para Portugal. A ausência de criticidade no material didático ainda reproduz a ideia de que povos do sul global são inferiores, incivilizados e incapazes de se autogovernar.

Sobre isso, Foucault (2021) demonstrou que a dinâmica instituída pelo poder enquanto dispositivo de dominação é definida pelo movimento do Eu em contraposição ao imobilismo do Outro. A dicotomia entre o Ser superior se sustenta justamente por produzir o Outro inferior.

² Disponível em: https://casadobrasildelisboa.pt/wp-content/uploads/2021/03/Relat%C3%B3rio_MigraMyths_singlepage.pdf. Acesso em: 09/outubro/2024.

³ Associação de imigrantes sem fins lucrativos.

⁴ Disponível em: <https://www.defesa.gov.pt/pt/pdefesa/igen/Documents/Plano-Nacional-Combate-Racismo-e-Discriminacao-2021-2025.pdf>. Acesso em: 09/outubro/2024

O Ser racional e humano se sustenta com a criação do Outro irracional, animalizado e desumanizado.

O perigo da reprodução dessa lógica é que, por ser estrutural, o racismo também atravessa a constituição das subjetividades dos sujeitos cujas identidades se conectam às práticas sociais, como a educação. De acordo com Munanga (2010), mesmo quando não há diferenças naturais para justificar a discriminação, elas são socialmente inventadas. Ou seja, os imigrantes discriminados como inferiores e indesejados não são os europeus de outros países nem os estadunidenses ou os canadenses. São os africanos, os latino-americanos, os árabes e os asiáticos. Todos diferenciados pelo marcador racial.

Em que pese a existência do Plano, o aumento dos casos de xenofobia coincide com a ascensão do partido português de extrema-direita, o Chega, que em abril de 2024 conquistou 48 assentos⁵ na Assembleia da República com um discurso racista de ódio contra a imigração, sinalizando uma perigosa ameaça aos Direitos Humanos.

Neste cenário de recrudescimento dos ideais racistas de superioridade de alguns povos sobre outros, a educação, na qualidade de importante ferramenta de humanização e transformação social, tem um papel fundamental no enfrentamento ao avanço do pensamento ultradireitista. E são as iniciativas que partem de ativistas, professores e movimentos sociais antirracistas, que atuam em todo o país reivindicando políticas e práticas de igualdade, que verdadeiramente lançam luz sobre a desigualdade e promovem mudanças.

No ensino público, o racismo e a xenofobia têm desafiado e mobilizado diversas vozes potentes que constroem cotidianamente uma contranarrativa que se opõe ao discurso hegemônico do lusotropicalismo, do bom colonizador e aos mitos da missão civilizadora de Portugal, potentes no espaço público português. Uma dessas vozes-potência é a de Ariana.

A partir da sua trajetória de vida e do seu fazer profissional, que constituem suas vivências como mulher racializada em Portugal, a educadora promove com os alunos a reflexão crítica dos processos que

⁵ Disponível em: <https://www.poder360.com.br/poder-internacional/internacional/partido-de-direita-chega-quadruplica-no-de-deputados-em-portugal/>. Acesso em: 07/outubro/2024.

conduziram – e ainda conduzem – ao racismo interpessoal, institucional e estrutural, através dos projetos premiados dos quais é coautora.

O projeto “Com a mala na mão contra a discriminação: uma viagem pela história dos nossos direitos” recebeu o Prêmio Municipal de Direitos Humanos Criança e Jovem da Câmara Municipal de Lisboa no ano letivo 2018/2019. Já o projeto “Ge(ne)rando polémica... ou antes pelo contrário”, que leva a temática do gênero (igualdade, não discriminação, violências associadas e identidades) para dentro da escola, com uma linguagem despida de preconceitos e estereótipos, foi vencedor do mesmo prêmio municipal no ano letivo 2020/2021.

Comprometida com a formação de seres humanos antirracistas, Ariana aborda assuntos polémicos no país como colonialismo, eurocentrismo, escravatura, discriminação e racismo, conectando os valores e normas dos Direitos Humanos à luta antirracista. Uma vez que o racismo é um obstáculo ao pleno gozo e realização dos Direitos Humanos, seu objetivo como educadora é estimular nos alunos um olhar holístico e crítico sobre a realidade.

Além dos projetos, Ariana faz parte da campanha nacional de sensibilização e consciencialização “Chama as coisas pelos nomes”⁶, criada pela Associação Renovar a Mouraria, ONG de utilidade pública que trabalha para promover a coesão e a prosperidade comunitária.

A Mouraria é um bairro multicultural de Lisboa e conta com cerca de 6.000 habitantes de mais de 50 nacionalidades. Desde 2015, a Mouraria tem sofrido as consequências do processo de gentrificação. Nesse sentido, a campanha faz um apelo a uma posição ativa de compreensão e denúncia do racismo estrutural e suas manifestações cotidianas, criticando o desconforto da sociedade portuguesa em identificar e nomear agressões racistas.

Na manhã do dia 10 de fevereiro de 2024, Ariana me recebeu em sua sala de aula na escola, no horário entre o intervalo das aulas, e durante uma hora de encontro ela relatou os caminhos que percorreu para se tornar a professora que tem construído uma importante contranarrativa de enfrentamento ao racismo, impulsionando transformação social.

⁶ Disponível em: <https://renovaramouraria.pt/pt/radika/>. Acesso em: 10/outubro/2024.

Ariana é um corpo político de enunciação, cuja capacidade de transgressão diante da violência colonial é inspiradora. Como defende Grada Kilomba, a memória do trauma colonial não é apenas individual, pois atravessa toda uma coletividade de pessoas negras da diáspora africana. O “trauma colonial que foi memorizado” (KILOMBA, 2019, p. 213) tem sido ressignificado pela arte da palavra de (re)contar a história negra a partir de vozes-potência como a de Ariana.

Reflexo do olhar sensível com que ela conduz o seu fazer profissional, durante a entrevista, fomos interrompidas por um aluno empenhado em salvar uma joaninha no pátio da escola. Para Ariana, os pequenos são o que trazem esperança em um mundo livre do racismo.

Ao evocar lembranças e narrar o conteúdo de suas vivências, mulheres negras vivenciam novamente e com nova intensidade a sua experiência, seu trauma, sua dor, mas sobretudo sua ancestralidade e sua força de resistência, pois a memória – elo que conecta passado, presente e futuro em um fluxo circular e que integra campos não estáticos de sentido (BOSI, 2003) – incide sobre a realidade e conduz à transformação. (Re)contar a própria história constrói memória, conhecimento e poder. E nesta entrevista, Ariana compartilha a sua perspectiva de resistência e insubmissão ao projeto colonial através da educação.

ENTREVISTA

Simone Lima Azevedo: Ariana, muito obrigada por me conceder esta entrevista. Primeiramente, eu gostaria que você falasse um pouco sobre a atual campanha antirracista da qual você faz parte.

Ariana Furtado: Esta campanha que se chama “Chama as coisas pelos nomes” é uma campanha de educação antirracista que me convidaram para ser uma das caras. É uma coisa de que muito me orgulho, porque Portugal tem muita dificuldade em abordar esta questão do antirracismo, da educação antirracista. O antirracismo é sempre conotado com uma coisa muito violenta de confrontação, de confrontamento do passado colonial, do passado humanista dos portugueses durante a expansão

marítima nos países africanos e no Brasil. E, portanto, tudo o que tem a ver com o racismo é muito tratado com os pezinhos no “mas”. É sempre o “ah, mas nós não somos racistas”. “Ah, mas a nossa colonização foi mais suave, não foi como as outras”. E sobretudo no momento em que houve a ascensão da extrema direita.

Nós vamos ter 48 deputados de extrema-direita no Parlamento português, num país com a dimensão de Portugal. Isto foi um choque tremendo para nós. Está a ser todos os dias. Todas as horas comunicamos entre nós como é que nós vamos fazer face a isto. É lutando, marcando presença, criando uma agenda pública antirracista, dando visibilidade, falando, estando presentes. E é aí que entra a educação. A educação é fundamental. Cada vez a história mostra-nos mais, não é? Pela comunicação social também. Pela forma como a comunicação social construiu este partido de extrema-direita com uma agenda racista diz-nos muito como nós estamos, não é?

Então, na educação, sobretudo no pré-escolar e no primeiro ciclo, que é o correspondente no Brasil ao ensino fundamental, não há muitas caras negras em Portugal. Cada vez há menos. O que é compreensível, porque ser professora hoje em dia em Portugal é uma profissão mal paga, uma profissão muito difícil de ascender na carreira e ser mais bem paga, é uma profissão também muito desgastante, onde as professoras negras são muito mais expostas, avaliadas, escrutinadas do que as pessoas brancas. E é muito mais difícil uma professora negra errar ao escrever uma palavra, do que uma pessoa branca. Ela é questionada e estereotipada na sua intelectualidade menor, não é?

E eu acho que é muito importante estas crianças crescerem com a diversidade que este país tem, com a diversidade que este país representa, através da educação também. Ter representatividade nas escolas, professoras negras, ter acesso a livros para a primeira infância com personagens de diferentes fenótipos, com diferentes leituras de famílias, modos de estar e culturas diversos, pois é preciso quando se fala num mundo global. Mas depois não se apresenta essa globalização às crianças, a não ser de uma forma muito de superioridade de um povo em relação ao outro.

E foi nesse contexto também que nasceu este projeto do qual eu fiz parte, o “Com a Mala na Mão Contra a Discriminação”, que foi – e é – um projeto de educação antirracista, com várias oficinas para trabalhar temas como o acesso à habitação pelas pessoas negras e pelas pessoas ciganas e a expansão marítima. Como é que ela é retratada no livro do ensino fundamental, que é sempre do ponto de vista europeu, uma coisa muito de “nós fomos levar cultura e evangelizar os outros povos, porque eles não tinham cultura e eram selvagens”. É muito nessa linha. Os livros de estudo com os quais eu tenho trabalhado ultimamente aqui são livros que não abordam, por exemplo, a resistência que efetivamente existiu em relação às invasões europeias nestes países africanos e no Brasil. A chacina que aconteceu e a forma como tudo foi tão imposto conduziram, obviamente, a um atraso civilizacional muito grande.

Ainda ontem eu vi um documentário sobre pessoas do tempo dos meus pais, histórias que eu ouvi do meu pai, de como é que eles eram tratados em Cabo Verde, Angola e Moçambique, mas sobretudo em Moçambique. Testemunhos reais de pessoas negras da década de 40, 50, como é que era a relação com os povos brancos. Eram autênticos guetos, era um apartheid também, mas, de vez em quando, os documentários das pessoas brancas é “ah, mas nós não éramos tão brutos como os sul-africanos”, “ah, mas nós até tínhamos a criada que tratávamos bem em casa”, “ah, mas nós humanizávamos”. Há sempre esta condescendência muito grande que não nos deixou – e que não deixou a geração dos meus pais – ter grandes atos de coragem. Mas tiveram. Nós constatamos agora que eles tiveram. O maior ato de coragem deles foi sobreviver àquilo tudo, àquela opressão toda que existia.

Eu tenho 47 anos, sou de uma família cabo-verdiana que vinha com aqueles valores incutidos pelos portugueses de que mulheres deveriam pensar em família, marido e casa. E o meu pai, que nasceu em 1935, nunca falou a mim e à minha irmã “quando é que vocês pensam casar?” Nunca nos perguntou “tem um namorado?” Nunca! O meu pai teve sempre essa preocupação de dar-nos os meios para nós estudarmos. Tudo o que nós precisássemos em termos de livros, materiais, tecnologia, acesso à cultura, acesso à cidadania plena.

Eu fui votar pela primeira vez com 18 anos pela mão do meu pai. Nunca mais me esqueço que ele disse “nunca abduques deste ato. É cidadã portuguesa, não te esqueças nunca deste ato, vais votar sempre. É a coisa que mais podes fazer para me honrar é ir votar sempre e assumir-te como uma cidadã plena!”. E, de fato, isto para mim foi muito importante, sempre ter esta referência no meu pai, que foi o primeiro feminista que eu conheci. Por me ter intelectualmente permitido crescer, estudar, assumir-me sempre, defender sempre aquilo em que eu acredito, ter valores, os meus valores, e ser generosa com os outros. E acho que a educação permite-me ser generosa com os outros e ajudar.

Simone Lima Azevedo: Como surgiu a ideia da campanha e do projeto?

Ariana Furtado: Esta campanha é de uma associação que se chama Renovar a Mouraria. Durante muitos anos aqui na escola, trabalhou uma formadora em Direitos Humanos, a Simone de Andrade. Ela tinha uma oficina aqui na escola que se chamava “Ler o Mundo através dos Direitos Humanos” e começou a trabalhar com a Renovar a Mouraria, além de dar aulas em turmas do primeiro ciclo com este projeto de educação antirracista, o projeto Radika⁷. Então nós ficamos sempre com uma ligação muito grande. E quando conseguiram financiamento público da União Europeia e da República Portuguesa do Alto Comissariado para as Migrações para a campanha, queriam ter caras negras, obviamente, não é? E caras de etnia cigana e caras asiáticas. Caras que ilustrassem a diversidade que existe em Portugal. E a Simone convidou-me, como professora e como coordenadora da escola, para participar e eu aceitei, porque era o mínimo que eu podia fazer para começarmos a mudar as coisas.

Simone Lima Azevedo: E quais são as atividades do projeto Radika?

⁷ Disponível em: <https://renovaramouraria.pt/pt/radika/>. Acesso em: 11/outubro/2024.

Ariana Furtado: Este é um guia com vários planos de aula onde são trabalhadas nas escolas com as crianças várias questões ligadas com a temática do racismo estrutural em Portugal, no Brasil e nos países africanos.

Simone Lima Azevedo: Mas o projeto que você idealizou e no qual está à frente é o outro.

Ariana Furtado: É o outro sim. Chama-se “Com a mala na mão contra a discriminação: uma viagem pela história dos nossos direitos”. Nós escolhemos este tema porque é uma viagem de uma vida carregarmos uma mala e porque a liberdade é uma luta constante. A Angela Davis tem cada vez mais razão em tudo o que ela diz. E no fundo é mostrarmos às crianças vários episódios de racismo estrutural na habitação, nos serviços públicos, nas escolas, pelo fenótipo, nos manuais escolares. E fazer com que elas pensem sobre isso. Por que esses episódios existem? Por que acontecem? Por que é tão importante a questão do cabelo entre as mulheres negras? Por que as mulheres negras não podem ser livres para usarem o cabelo como quiserem, desfrisado, com carapinha?

Tudo isso nós quisemos abordar e dar-lhes consciência crítica e a possibilidade de falarem sobre tudo conosco. E, sobretudo, aceitarmos as palavras que vinham delas, mesmo que não fossem aquelas que nós queríamos ouvir, mas perceber por que elas pensam assim.

Simone Lima Azevedo: Gerar o debate.

Ariana Furtado: Gerar o debate.

Simone Lima Azevedo: Você vê transformações em curso?

Ariana Furtado: Eu vejo transformações nos alunos que passam por mim. É sinal de que a sociedade toda não passa por este trabalho. Esses alunos crescem com uma professora negra, escutam temas com uma professora negra que não vão ser discutidos, infelizmente. Há professoras

brancas que fazem sim. Cada vez mais eu tenho colegas minhas na escola que, por me ouvirem e por verem a ação, interessam-se e questionam-se, mas também há muitas pessoas que não têm essa consciência desperta ou não suportam esse fardo, acham que o fardo é dos outros, o fardo é dos negros. Então essa consciência não é vivida. Portanto, não há essa discussão gerada, mas também tenho, por exemplo, um caso aqui na escola de professoras que acompanham, que falam e discutem. E isso é bom. Isso é muito bom, porque é a escola onde eu sou coordenadora.

Uma coisa que eu senti muito positiva é que o acolhimento aos alunos imigrantes e refugiados melhorou bastante aqui na escola. Seja por vergonha de serem mal educadas na minha presença, seja porque aprenderam que faz a diferença. Se nós mostrarmos às famílias que acolhemos bem, que respeitamos estas pessoas, que respeitamos estas crianças nas diferenças delas, vai haver uma maior proximidade com as famílias, vai haver um melhor diálogo, e isso faz com que a criança esteja melhor na escola, mais estável, mais comunicativa e com mais vontade de aprender. Isso eu senti que melhorou bastante. Portanto, só isso já é um ganho sim.

Simone Lima Azevedo: Seria ótimo que esse ganho fosse em todas as escolas e tomara que esse olhar sensível se multiplique. E na sua relação com a educação, você sempre quis ser professora?

Ariana Furtado: Sim, se calhar... Eu nunca pensei muito bem o que eu queria ser. Isto foi sempre por tentativa e erro. Enquanto eu fui estudando, fui deixando umas disciplinas de lado, outras de lado. Depois, a dada altura, eu quis estudar literatura e francês. Estudei até o 12º ano literatura francês e inglês. E depois, quis ser professora do primeiro ciclo. Mas enganei-me a preencher os papéis para a faculdade e preenchi para fazer os exames de literatura portuguesa e francesa. E não fiz o exame de português, que era o que eu necessitava para entrar no curso de professora do primeiro ciclo.

Eu sempre me dei muito bem com crianças. Eu tinha muito facilmente empatia com crianças, e elas estavam à minha volta. E depois entrei num curso de português/francês, mas que tinha a variante do

primeiro ciclo. E de todos os estágios que eu fiz, foi o estágio que eu mais gostei. Foi o estágio no primeiro ciclo. Foi onde eu me senti mais confortável, porque é aquela faixa etária onde nós sentimos esperança, porque estão a absorver, estão a aprender, estão a descobrir. Eu sinto que é onde eu ainda consigo, porque eu preciso muito da esperança. Esperança que a gente consegue, esperança que a gente vai mudar. Sentir aquele brilho das primeiras aprendizagens.

E agora esta turma que eu tenho está a aprender a ler e a escrever. Está no primeiro ano. E eles fazem coisas tão giras! Ontem, por acaso, por causa das eleições, a primeira letra da semana era a letra R. E começamos a falar das eleições e tal. E muitos já muito conscientes. “Ah, o meu pai falou-me que aquele partido teve muitos votos”. [Oi, tudo bem? Precisam de alguma coisa? Vão salvar uma joaninha? Salvem mesmo, para pô-la na natureza. Tem-se uma casa?] É isto. Isto nos dá esperança. É isto que nos dá esperança em uma sociedade diferente. Uma sociedade preocupada em salvar uma joaninha. E eles fazem muitas coisas dessas. São muito espontâneos. Dizem aquilo que pensam. É esta a liberdade que eu gosto.

E nós estávamos a falar sobre as eleições e alguns garotos diziam, “pois, o meu pai está muito preocupado porque aquele partido tem muitos deputados”. E claro que há outros cujos pais votaram. Há estas sensibilidades todas que nós temos que aprender a ouvir e a perceber por que que isto acontece. Então, com a palavra R, eu disse “olha, a nossa palavra de hoje vai ser Revolução”. E eles dizem “Yeeee! É isso! Revolução!”. Muitos deles até vão a manifestações com os pais, participam destas dinâmicas da sociedade, o que é revolução. E hoje de manhã, a fazer uma lista de palavras no quadro, uma das meninas virou-se e disse “oh professora, falta aquela palavra que tu dissesse ontem, a palavra Revolução”. E eles “ah, é verdade! Revolução”. E lá foi para o quadro a palavra Revolução. É isto que eu gosto no primeiro ciclo.

Simone Lima Azevedo: De fomentar esse pensamento crítico, não é?

Ariana Furtado: Exatamente!

Simone Lima Azevedo: Você falou do seu pai e de como ele incentivou a sua educação. E a educação está te acompanhando agora do outro lado, como professora.

Ariana Furtado: Exatamente, do outro lado!

Simone Lima Azevedo: Como você se sente sendo uma mulher negra em Portugal atuando na educação e vivendo a educação?

Ariana Furtado: Há momentos em que eu me sinto assim... um bicho raro. Eu dou-me muito bem com as minhas colegas, falo muito bem com elas, sou coordenadora da escola. Só que eu tenho preocupações que elas não têm e nem poderiam ter por que não vestem a minha pele, não é?

Eu estou nesta escola há 15 anos e, de fato, já há gerações que passam por mim. Nesta turma, eu tenho quatro ou cinco irmãos de crianças que já foram minhas alunas, os pais conhecem-me. Já há ciclos que me conhecem, voltam e querem ficar comigo e não querem outra professora, estas coisas. Já me construí aqui, mas também já passei por outras escolas, nos meus primeiros dez anos de ensino. Eu rodei muitas escolas, todos os anos eu estava em escolas diferentes. Portanto, já houve momentos em que eu estive muito sozinha. Não que seja uma coisa que me preocupe muito porque em termos de personalidade, eu sempre fui uma pessoa muito independente. Sempre pensei pela minha cabeça. Muito! E já tive, por exemplo, numa escola onde eu não falava com ninguém. Não me identificava com ninguém. Eu entrava, estava com a minha turma, saía e ia ao meu trabalho, não é?

Mas, de fato, eu sei que é uma partilha entre nós mulheres negras em Portugal, sobretudo no meio acadêmico, que quanto mais estudos nós temos, mais exigências colocamos a nós próprias. Aquela exigência de não poder falhar, de não poder errar, de ter que sermos as perfeitas, de dominarmos tudo. E se eu já tenho esta personalidade, mais difícil se torna. Mais uma camada difícil se torna. Ultimamente é que eu ando a desconstruir um bocadinho estas camadas. Psicologicamente é um grande desafio, não é? É um esforço muito grande nós tentarmos sempre estar

aqui, mesmo naqueles dias em que estamos embaixo e não queremos estar ali, queremos descontraír. Fazer um esforço enorme para não responder a uma pessoa que nos é mal educada à porta da escola. Às vezes percebemos por quê. Outras vezes, é tudo mais difícil para mim do que para as minhas colegas. Mas isso eu não lhes digo, porque eu acho que elas não compreendem.

Simone Lima Azevedo: Não sentem na pele...

Ariana Furtado: Não sentem na pele... Eu tenho uma filha que tem dez anos e que estuda aqui. Então eu tenho muito esta preocupação também de empoderá-la. Ela sabe o que é tudo isto, então eu tento sempre passar muito esta assertividade.

Simone Lima Azevedo: E como você se fortalece?

Ariana Furtado: Eu tenho uma irmã, a Lucia. Ela é a presidente da FEMAFRO, que é uma associação de mulheres negras, africanas e afrodescendentes em Portugal. É muito ativista. Portanto, eu tenho uma irmã negra, com quem eu cresci. Tenho muitas amigas negras. Portanto, cada vez mais nós nos dizemos “olha, quando estamos assim, encontramos, vamos jantar”!.

Precisamos e temos o direito. É um direito nosso. Nós não nos esgotamos nas nossas lutas. Não nos podemos esgotar nas nossas lutas, no nosso trabalho, na nossa família, não é? Entre nós vamos beber um copo, jantar, viver...

Simone Lima Azevedo: Aquilombar!

Ariana Furtado: Aquilombar! Isso mesmo! No Brasil tem esse termo. Eu estive em Brasília, num encontro de infâncias protagonistas na Universidade de Brasília, e adorei. Foi sobre o acolhimento a crianças refugiadas. Foi bem legal, gostei muito. Foi a minha primeira vez no Brasil.

E eu fiquei pensando ah, eu preciso conhecer mais do Brasil! Brasília é uma carta postal, mas eu quero ir à Bahia.

Simone Lima Azevedo: A minha família é de lá e eu cresci lá. Você vai amar a Bahia!

Ariana Furtado: Eu quero muito!

Simone Lima Azevedo: Sua família é de Cabo Verde, mas também viveu em Angola antes de vir para Portugal, certo?

Ariana Furtado: Sim, Cabo Verde. O meu pai viveu em Angola. Eu vim de Cabo Verde para Portugal com a minha mãe. Meu pai estava em Angola quando aconteceu o 25 de Abril⁸ e a independência. Depois foi para Cabo Verde e veio para Portugal, para a escola prática da polícia dar continuidade aos estudos na polícia e ficar na polícia. E a minha mãe veio comigo ter com ele.

Simone Lima Azevedo: Você se considera portuguesa, cabo-verdiana ou ambas?

Ariana Furtado: Eu considero-me as duas. Eu não consigo dizer o que é que eu sou mais. Há dias em que eu digo que sou portuguesa. Há dias em que eu digo que sou cabo-verdiana. Mas na essência e na resistência, eu sou cabo-verdiana.

⁸ Todos os anos, no dia 25 de abril, Portugal celebra o aniversário da Revolução dos Cravos, movimento popular pacífico que pôs fim à ditadura de António de Oliveira Salazar (1889-1970), retomou a democracia no país e levou à independência de ex-colônias portuguesas na África, cujas lutas pela liberdade foram cruciais para o fim do salazarismo. Movimentos armados pela independência de Angola, Moçambique, Guiné-Bissau e Cabo Verde tiveram fator central na derrubada da ditadura fascista em Portugal. A data é considerada a principal do país e é comemorada em um grandioso desfile pela Avenida da Liberdade, onde milhares de pessoas descem a avenida com cravos vermelhos nas mãos, como símbolo de liberdade nacional.

Simone Lima Azevedo: Em Portugal há uma insistência em colocar o português afrodescendente no lugar do estrangeiro, do não pertencimento, mesmo que tenha nascido em Portugal ou vivido aqui desde criança. Como você lida com isso?

Ariana Furtado: É muito agressivo isso. Sobre tudo os primeiros encontros são sempre o “ah, de onde é que tu és?” Não, mas de onde é que tu és?” Mas tu não és...” Muitas vezes, dava-me vontade de perguntar “mas onde é que tu queres chegar?” “Pergunta-me logo!” Eu agora já estou mais diluída nesta raiva dessa pergunta. Não esta aqui que está contextualizada, mas quando vem de uma pessoa branca é sempre... “mas de onde é que tu és?” Então, sim, eu sou portuguesa sim! Cresci cá. Vivo cá. Estou presente cá. A maior parte das coisas que eu gosto estão cá. Mas quando fui a Cabo Verde...

Eu nunca tinha voltado a Cabo Verde. E há dois anos fui com a minha filha pela primeira vez. Foi a maior emoção da minha vida! Quando eu fui àquela terrinha onde eu nasci, porque eu nasci na casa da minha avó que ainda está lá, foi a maior emoção da minha vida! Eu nunca tinha vivido coisa igual. Aqueles dias que eu estive naquela terra, foram... Eu nem consigo descrever. Foi uma emoção que eu nunca tinha sentido com nada. Eu senti mesmo: eu sou daqui! Tanto que desde que eu estive lá eu penso muitas vezes em voltar pra lá. E vi lá da casa da minha tia, a irmã do meu pai, que ao fundo há uma escola. É um vale lindíssimo, rodeado de casas e terrenos muito verdes. Tinha chovido na altura e quando chove em Cabo Verde fica tudo verde. E aquela escola primária... Eu ainda tenho aquilo gravado. Eu até comentei lá com a minha família e com o pai da minha filha que eu vou dar aula naquela escola! Eu vou voltar para aqui! Andei um ano e tal a dizer aos meus amigos cá que eu vou voltar para Cabo Verde e para aquela escola primária que se chama Escola Primária Azul. Eu senti uma emoção tão grande!

Simone Lima Azevedo: Foi a ancestralidade falando, não é?

Ariana Furtado: A ancestralidade falando! E eu tenho uma coisa que me magoa muito que eu não falo muito bem o crioulo. Eu não tenho pronúncia. O meu português é muito marcante. A minha pronúncia crioula é zero. Eu não tenho pronúncia nenhuma a falar crioulo, que é uma coisa que eu fico ahhh, eu queria falar! A minha irmã fala crioulo fluentemente muito bem. O meu irmão também arranha e fala. Eu sei falar, mas não tenho pronúncia nenhuma de cabo-verdiana. E eu fico... mas como que é possível?! O que é que eu fiz para apagar esses traços dentro de mim?

E eu, aqui em Portugal, tenho vergonha de falar em crioulo. E toda a gente me dizia que eu ia ter vergonha em Cabo Verde porque os cabo-verdianos iam gozar comigo e dizer “ah, tu não sabes falar crioulo! Tu que és cabo-verdiana!” Nunca me aconteceu. E em Cabo Verde senti-me tão à vontade para falar crioulo. Tão à vontade para falar e nunca ninguém me apontou a dizer “olha, não sabes falar crioulo”. Nunca ninguém disse isso em momento algum.

A ancestralidade é mesmo uma coisa muito poderosa. Ainda por cima, eu já estava para fazer essa viagem com o meu pai, mas o meu pai, entretanto, adoeceu e veio a falecer. E depois não fui. E fui com a minha filha. E acontece isto. Olha, foi muito bonito!

Simone Lima Azevedo: É o poder da ancestralidade!

Ariana Furtado: É o poder da ancestralidade!

Simone Lima Azevedo: É como muitos brasileiros se sentem quando visitam algum país de África, apesar de termos vivido muitos séculos de um apagamento étnico muito violento. O poder da ancestralidade nessas memórias fala mais alto.

Ariana Furtado: Isso é muito forte, muito forte mesmo. Tanto que a Madalena, minha filha, até disse-me “tu falas muito bem”! Então, pronto! Aceitaram-me! Aceitam-me! Sou uma deles! É isso.

Simone Lima Azevedo: Ariana, te agradeço por este encontro. Foi inspirador conversar com você.

REFERÊNCIAS

- BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. São Paulo: Paz e Terra, 2021.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- MUNANGA, Kabengele. Teoria social e relações raciais no Brasil contemporâneo. *Cadernos Penesb – Especial curso ERER*. Periódico do Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira, n. 12, 2010.

Texto recebido em 30/10/2024 e aprovado em 15/10/2025